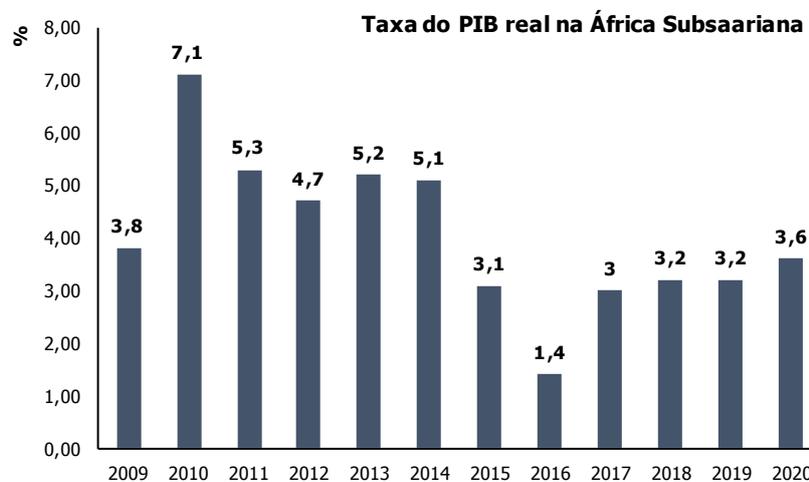


De acordo com o Fundo Monetário Internacional, no seu relatório mais recente [Regional Economic Outlook: Sub-Saharan Africa](#), publicado no início de Outubro, prevê-se que o crescimento na África Subsaariana se mantenha em 3,2% em 2019 e suba para 3,6% em 2020, sendo que Angola permanece bem abaixo da média da região. Este artigo aborda alguns dos principais aspectos abordados no contexto da região e realça a posição de Angola nos principais indicadores.

Panorama regional

Em 2019 é esperado um crescimento de 3,2% da economia da África Subsaariana, uma revisão em baixa comparativamente ao crescimento de 3,5% projectado em Abril. A instituição destaca a incerteza gerada pelas tensões comerciais e geopolíticas e um aumento do protecçãoismo, a fraca actividade económica mundial e a diminuição significativa do volume do comércio mundial.



Fonte: Regional Economic Outlook: Sub-Saharan Africa, Fundo Monetário Internacional

Destaca-se ainda que dois terços dos países da região registam taxas de crescimento mais lentas, em parte devido ao ambiente externo já mencionado, bem como às interrupções contínuas da produção nos países exportadores de petróleo (em particular, Angola) e o crescimento mais fraco do que o previsto na África do Sul.

O relatório realça também que o crescimento económico dos países não dependentes de recursos naturais permanece robusto, registando-se um crescimento médio de 6% e acima do resto do

mundo. Por outro lado, é nos países dependentes que o ritmo de crescimento abranda, reflectindo-se, entre outros factores, na descida dos preços das *commodities* e nas estruturas produtivas menos competitivas.

O Fundo menciona ainda que o grande desafio para a região é impulsionar o crescimento para criar empregos enquanto se protege contra vulnerabilidades e riscos relacionados com a dívida externa num contexto de incertezas a nível mundial.

Perspectivas para Angola

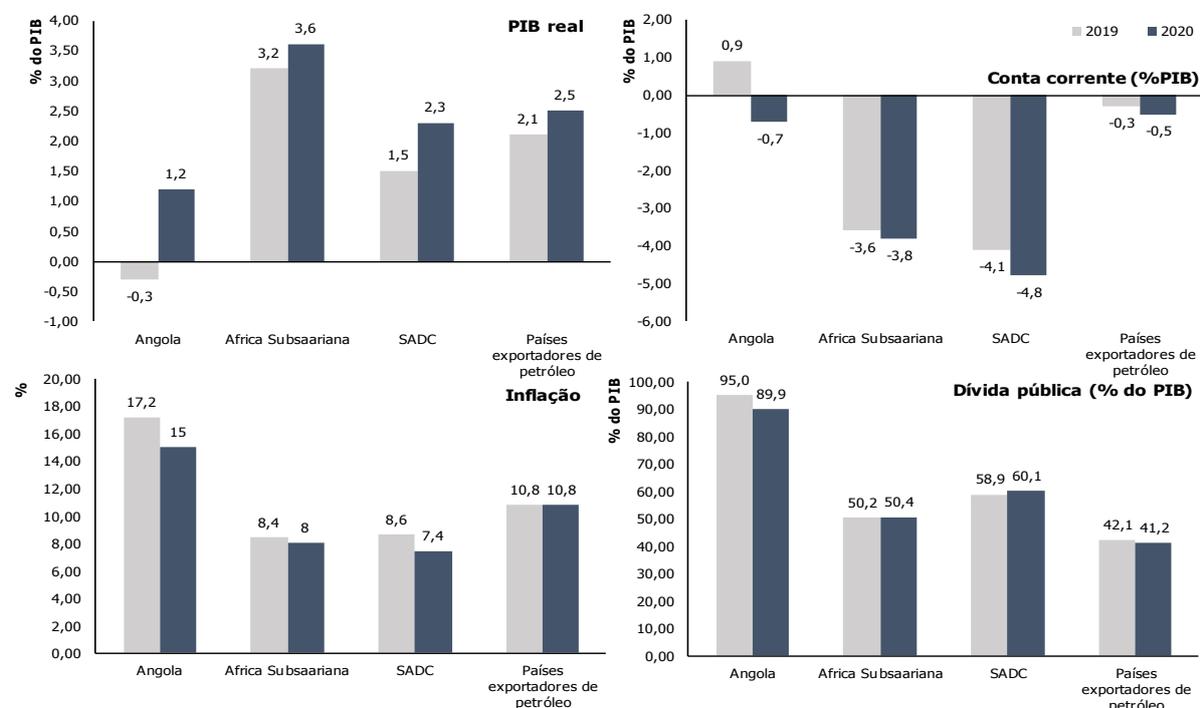
A economia angolana foi afectada pela seca no sul do país resultante do El Niño. Este fenómeno impactou a economia através de insegurança alimentar, emigração, pressões inflacionistas e fiscais, constrangimentos no acesso a energia e saldos comerciais mais reduzidos. Para além dos fenómenos naturais, Angola tem sido afectada pelo ajustamento cambial, iniciado em 2018, que visa corrigir o desequilíbrio resultante da queda do preço das *commodities*.

No relatório do Fundo, Angola apresenta uma posição preocupante e pouco animadora na maioria dos indicadores. A instituição norte-americana prevê diversos indicadores macroeconómicos, entre estes, destacamos:

- **Produto Interno Bruto:** Para 2019 é esperada uma contracção do produto apesar de um superavit na balança corrente, porém em 2020 é já esperada uma expansão, a primeira desde 2015. Em 2020 espera-se um incremento do produto fruto das reformas implementadas nos últimos anos, desde a flexibilização do mercado cambial ao permitir um aumento da competitividade externa e o programa de privatizações. Note-se que em ambos os anos, espera-se uma expansão do sector não petrolífero.
- **Conta corrente:** Para 2019 é esperado um superavit da balança corrente sendo que em 2020 se perspectiva um deficit. Note-se que devido à concentração das exportações angolanas no sector petrolífero, as estimativas continuam dependentes do preço do petróleo nos mercados internacionais, sendo estas altamente sensíveis ao comportamento dos mercados. Do lado das exportações é provável que se venha a registar uma diminuição fruto da queda de investimento ligado ao sector petrolífero. Do lado das importações, espera-se uma redução da procura derivado da depreciação da taxa de câmbio e do aumento da produção nacional.
- **Inflação:** A taxa de inflação encontra-se perto do projectado pelo Fundo, cerca de 16,08% em Setembro. Note-se que é esperada que esta apresente uma tendência crescente nos restantes três meses do ano devido à implementação do IVA e à depreciação elevada da taxa de câmbio. Para 2020, estamos um pouco reticentes quanto à projecção do Fundo dada a possibili-

dade de uma contínua depreciação da taxa de câmbio e à retirada do subsídio existente nos preços dos combustíveis.

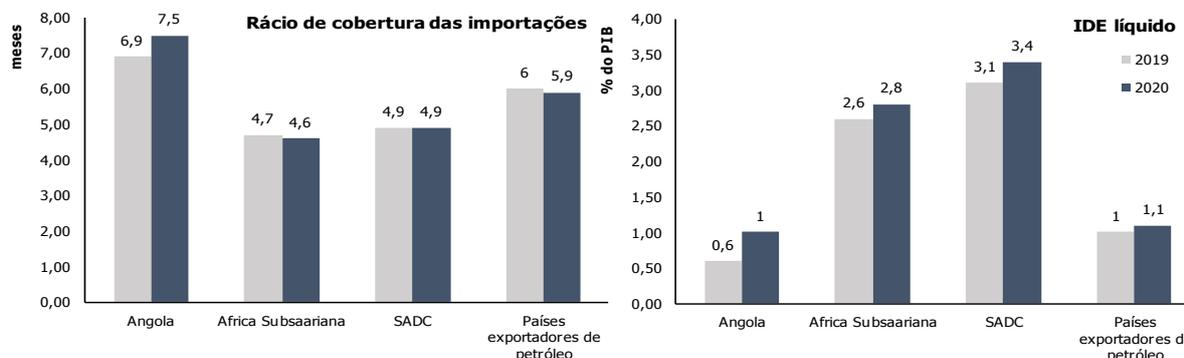
- **Dívida pública:** Angola apresenta das maiores dívidas públicas da região, sendo esta tanto em moeda externa como em moeda nacional. Nos últimos anos a dívida angolana tem apresentado diversos formatos, desde dívida interna (não indexada e indexada à taxa de câmbio), dívida externa como obrigações emitidas em mercados internacionais (eurobonds), financiamento directo a projectos específicos, tanto de países (em grande medida, oriundos da China) como de instituições internacionais (como Banco Mundial e Banco de Desenvolvimento Africano). Perspectivamos que a diminuição do rácio da dívida pública em 2020 seja fruto de uma expansão do PIB e não de uma redução do stock de dívida.



Fonte: *Regional Economic Outlook: Sub-Saharan Africa, Fundo Monetário Internacional*

- **Rácio de cobertura das importações:** Por outro lado, no que toca à cobertura das importações pelas reservas internacionais existentes, Angola encontra-se nos países com melhor avaliação. Note-se que este ano, as reservas internacionais líquidas já reduziram cerca de USD 556 milhões (-5,2%). Com a actual tendência de depreciação da taxa de câmbio, esperamos uma redução tanto da procura por moeda estrangeira por parte dos particulares para fins de acumulação de poupança como por parte das empresas para fins de importação, diminuindo assim o ritmo de redução das reservas. No entanto, é necessário ter em conta que ainda existe uma fraca produção nacional que leva à necessidade de bens produzidos no exterior (bens de capital e matérias-primas).

- **IDE líquido:** Com o programa das privatizações é esperado um aumento do investimento directo estrangeiro (IDE). Note-se que a flexibilização do mercado cambial a decorrer, i.e., a perda de valor do kwanza poderá contribuir positivamente para maiores entradas de capital estrangeiro.



Fonte: *Regional Economic Outlook: Sub-Saharan Africa, Fundo Monetário Internacional*

Desafios

Face ao apresentado, existem grandes desafios aos decisores de política, sendo que destacamos:

- **Sustentabilidade da dívida pública.** A nível fiscal, o país ainda tem taxas de imposto reduzidas e elevadas isenções fiscais, sendo, portanto, necessário o alargamento da base fiscal como forma de ganhar espaço orçamental, uma vez que grande parte da economia ainda se encontra no mercado informal.
- **Controlo da inflação.** Diversos países, entre os quais Angola, têm perseguido uma política monetária mais expansionista (reflectida em menores taxas de juro) resultado da redução da inflação, porém face aos choques registados (aumento do preço da electricidade, água, implementação do IVA) e os esperados (diminuição dos subsídios ao combustível) esta medida poderá não ser a mais desejada.
- **Acesso ao crédito privado.** Os problemas do crédito malparado, que são um dos principais entraves ao desenvolvimento financeiro em África, têm sido resolvidos via a transferência de activos para uma empresa de gestão de activos (Recredit), no entanto, a concessão de crédito permanece insuficiente num contexto de desejo de diversificação da economia.
- **Equilíbrio do mercado cambial.** Apesar das medidas mais recentes ([ver com mais detalhe em Mercado Cambial em Angola: Parte 1](#)), permanece um desequilíbrio entre a quantidade procurada e oferecida de moeda estrangeira levando assim à sobrevalorização da moeda. Note-se

que este quadro incentiva a importação e desincentiva a produção nacional.

- **Diminuição da pobreza extrema.** O aumento dos preços dos bens e serviços irá afectar em grande magnitude as classes mais desfavorecidas sendo necessário a criação de um programa de transferências sociais para essas mesmas classes. Note-se que a depreciação do kwanza aumenta as receitas fiscais do Tesouro em moeda nacional dado que grande parte das receitas são em moeda estrangeira (provenientes dos impostos petrolíferos¹). Por outras palavras, o Tesouro tem a necessidade de converter dólares para kwanzas para fazer face aos seus compromissos em moeda nacional, ou seja, os mesmos dólares hoje irão traduzir-se em mais kwanzas. Além disso, a redução/extinção dos subsídios ao preço dos combustíveis levará a uma redução das despesas publicas que pode ser, em parte, transferida para essas mesmas classes. Realça-se que a última estimativa oficial da taxa de pobreza já se encontra em 36,6% (INE, 2013)².

1 Realça-se que a desvalorização do kwanza também aumenta as despesas de juros devido à larga emissão de obrigações do Tesouro indexadas à taxa de câmbio que foram emitidas nos últimos dois anos.

2 INE (2013). Inquérito Integrado Sobre o Bem-Estar da População, IBEP. Relatório - Vol. III. Perfil da Pobreza. Luanda: Instituto Nacional de Estatística

Este documento foi preparado pela Kitambo Business Consulting, Lda.

Autor da publicação:

Catarina Duarte, Consultora Económica

Email: catarina.duarte@easypeople.co.ao

Relatório completo 14 de Novembro de 2019, 19:00 (GMT+1)

Relatório divulgado a 15 de Novembro de 2019, 17:00 (GMT+1)

Este relatório é divulgado somente pelo site da Kitambo Business Consulting.

Para mais informações visite www.kbc.co.ao



KITAMBO BUSINESS CONSULTING

Este relatório de pesquisa foi preparado pela Kitambo Business Consulting, Lda. Este é fornecido apenas para fins informativos e não deve ser considerado como uma oferta de venda ou solicitação de uma oferta de compra ou venda de instrumentos (ou seja, instrumentos financeiros aqui mencionados ou outros interesses no que diz respeito a tais instrumentos financeiros).

O relatório de pesquisa foi preparado de forma independente e exclusivamente com base em informações disponíveis publicamente que a Kitambo Business Consulting considera confiáveis. Apesar de ter sido tomado um cuidado razoável para assegurar que o seu conteúdo não é falso ou enganoso, não é feita nenhuma representação quanto à sua exactidão ou integridade sendo que a Kitambo Business Consulting não assume qualquer responsabilidade por qualquer perda directa ou consequential, incluindo, sem limitação, qualquer perda de lucros, decorrente da confiança neste relatório de pesquisa.

As opiniões aqui expressas são as opiniões dos analistas responsáveis pela elaboração do relatório de pesquisa e reflectem o seu julgamento de acordo com a data deste documento. Estas opiniões estão sujeitas a alterações e a Kitambo Business Consulting não se compromete a notificar qualquer destinatário deste relatório de tais alterações nem de quaisquer outras alterações relacionadas com as informações fornecidas aqui. A KBC não se responsabiliza por qualquer perda de qualquer pessoa com base nesta publicação.

A KBC é uma empresa de consultoria de gestão, fundada em Angola e conhecedora do mercado africano.

Para mais informações visite www.kbc.co.ao